

*Amizade e a arte da escuta: as conversas entre James Boswell e Samuel Johnson nos ensaios de William Hazlitt*

DANIEL LAGO MONTEIRO\*

Já se disse que a arte da conversação é um dos principais legados do século XVIII. Ela está no centro daquela forma refinada de sociabilidade que se desenvolveu em nenhum outro século como nesse, quer nos cafés, clubes ou salões; e por meio da qual se experimentava e se colocava à prova, o mais simples dos assuntos, ao passo que o mais intrincado deles recebia um colorido interessante, novo e surpreendente, jamais pesado ou maçante. Com ela, a filosofia ganhava contornos literários. A poesia e a prosa literária, contornos filosóficos. Numa palavra, nunca o *esprit géométrique* e o *esprit de finesse* estiveram tão intimamente interligados. Foi nesse século, por exemplo, que o romance epistolar melhor floresceu<sup>1</sup>. E o que é a *carta* senão uma conversa à distância, em que se confidenciam intimidades ao leitor como a um velho amigo e se discute familiarmente quaisquer assuntos? *Tristram Shandy*, romance de Laurence Sterne, um dos mais populares de seu tempo, é, segundo Hazlitt, “a essência pura do estilo conversacional em língua inglesa” (HAZLITT, 1998: 5, 110)<sup>2</sup>. Durante sua leitura, continua o crítico, imaginamos-nos em diálogo com as personagens (8, 36). Dr. Johnson, depois de receber do próprio monarca George II uma pensão vitalícia pelo que havia feito, o *Dicionário da Língua Inglesa*, passou a se dedicar à atividade de que mais gostava e que exerceu com a liberdade de poucos: a conversação. Embora austero, o bom humor é a tônica de suas conversas, e porque Johnson nunca se deixou cegar por preconceitos mesquinhos, acolheu de coração aberto o libertino Boswell. Este lhe devotou amizade constante. Foi por ela e pelo seu talento literário que deixou para posteridade o massudo *A Vida de Samuel Johnson*, obra que, no tagarelar sobre todas as

---

\*Doutorando em Teoria Literária e Literatura Comparada, na Universidade de São Paulo, USP, SP. Bolsista FAPESP.

<sup>1</sup> Nas palavras de Habermas: “the eighteenth century became the century of letter: through letter writing the individual unfolded himself in his subjectivity”, *The Structural Transformation of the Public Sphere: An Inquiry into a Category of Bourgeois Society* (Cambridge: The MIT Press, 1991).

<sup>2</sup> Todas as citações de Hazlitt foram extraídas de *The Selected Writings of William Hazlitt*, ed. Duncan Wu, in 9 vols (London: Pickering & Chatto, 1998). Referências são por volume e página. Quando citar de outras fontes, providenciarei novas referências.

coisas, supera a biografia, “a mera narrativa árida dos fatos” (BOSWELL, 2008: 23) com a “descoberta do permanente contido no efêmero” (MIGUEL-PEREIRA, 1994: 136). Entre os filósofos do período que são hoje lidos sobretudo por suas contribuições no campo da metafísica, Hume, Diderot e Voltaire eram apreciados ou mesmo temidos em seu tempo pelo seu estilo e pelo brilho que irradiavam nas conversas. Mesmo Rousseau, que por excesso de timidez se dizia incapaz de acompanhar o rumo da prosa em palestras ou colóquios a dois<sup>3</sup>, foi exímio no imitar o efeito de improvisado que a conversa escrita nos dá. Franklin de Mattos, importante estudioso do período, analisando as diferenças de estilo entre os séculos XVII e XVIII, observa:

*O século XVII aposta principalmente na expressão justa (...). A esse estilo corresponde um ideal de conhecimento que valoriza a estrutura sólida, o encadeamento das ideias. O século XVIII não nega as construções lógicas, mas deseja que permaneçam secretas (...); o que se aprecia aqui não é a clareza, mas a delicadeza (MATTOS, 2004: 46, grifo nosso).*

Possivelmente, dos exemplos recolhidos acima, nenhum outro a um só tempo melhor encarnou e repeliu os diferentes paradigmas de conversação no século XVIII<sup>4</sup> do que *A Vida de Samuel Johnson* de Boswell. Talvez um de seus motivos se deva justamente ao fato de seu autor sacrificar frequentemente a delicadeza em nome daquele senso mais profundo e de difícil definição, o *sense of humour* de seu protagonista: isto é, suas reações espontâneas e cordiais da sensibilidade. Pelo seu modo todo particular de se revelar e de conversar com os leitores, pelo seu talento, celebrado por muitos,

---

<sup>3</sup> Ver o “Livro Terceiro” de *Confissões*, na qual o autor se queixa da grande dificuldade que encontrava em expressar por palavras, tanto na escrita quanto na fala, a vivacidade de seus sentimentos.

<sup>4</sup> No livro recente de John Mee, *Conversable Worlds: literature, contention and community 1762-1830* (Oxford: Oxford University Press, 2011), o autor definiu duas diferentes ideias sobre o papel e a prática da conversa no período, as quais frequentemente apontavam para sentidos opostos: uma comprometida com as boas maneiras (*politeness*), com o papel das paixões no mundo do convívio social e com as ideias de aprimoramento e modernização; a outra se comprazia no processo combativo da conversa, em que opiniões eram postas à prova e pelo conflito de ideias se esperava alcançar uma verdade. Também sobre o tema, ver a obra de Stephen Miller, *Conversation: a history of a declining art* (New Haven: Yale University Press, 2008).

como Bernard Shaw, Jorge Luis Borges<sup>5</sup> e Hazlitt, de ocultar todo traço de autoria e de se doar por completo ao autor que estuda, falemos um pouco de Boswell e dessa obra, do tipo de conversa que ela preconiza, da importância imensa que ocupa na história do ensaísmo, mesmo se tratando de uma biografia, e em especial para os ensaios de Hazlitt – vale lembrar que ao fim da vida o autor publicou *Conversas com James Northcote, ou Boswell Redivivo* [Conversations of James Northcote, or Boswell Redivivus]<sup>6</sup>.

Com as suas “pitorescas indignações, a sua mania de opinar sobre tudo, as suas afirmações peremptórias, os seus julgamentos sem apelo, a sua extraordinária vitalidade (...), de simpatia irradiante e virilidade intelectual” (MIGUEL-PEREIRA, 1994: 138), acrescidos de seus modos intoleráveis, ou mesmo risíveis, no vestir-se, comer e andar, Samuel Johnson despertava o interesse do já então lucrativo mercado editorial do *gossip* – “aquele modo de discorrer agradavelmente sobre assuntos vários, sem cansar os ouvintes” (MIGUEL-PEREIRA, 1994: 162) –, antes mesmo de seus velhos amigos John Hawkins, Mrs. Thrale (mais tarde Mrs. Piozzi) e Boswell se lançarem na corrida de quem publicava sua primeira e melhor biografia.

Pela manhã de sábado do dia 16 de março de 1776, após regressar a Londres para mais uma temporada de férias do judiciário, Boswell foi ter com Johnson na casa de Mrs. Thrale. Naquela manhã, Johnson estava de ótimo humor e entretinha os amigos com uma longa e deliciosa conversa: “Senti-me elevado”, disse Boswell, “como se alcançasse outro estado de consciência. Mrs. Thrale e eu trocamos olhares enquanto ele falava, e nossos olhares expressavam a admiração e o afeto congênial que nutríamos por ele” (BOSWELL, 2008: 680). A caminho de Blackfriars, durante a travessia do Tâmbisa, Boswell, que sempre acompanhava o doutor de perto “com perguntas na língua e lápis no punho” (MIGUEL-PEREIRA, 1994: 136), introduziu o assunto sobre a publicação

---

<sup>5</sup> Sobre a leitura de Bernard Shaw de *A Vida de Samuel Johnson*, ver “Epistle Dedicatory to Arthur Bingham Walkley” em *Man and Superman*. Nas palavras do autor: “Plato and Boswell, as the dramatists who invented Socrates and Dr Johnson” (The Floating Press, 2012), 27. Parte das questões que trazemos aqui são reelaborações do que diz Borges em *Cursos de Literatura Inglesa*, “Samuel Johnson visto por Boswell. A arte da biografia. Boswell e seus críticos”.

<sup>6</sup> Na nota introdutória a *Conversations of James Northcote*, diz Hazlitt: “I differ from my great original and predecessor (James Boswell, Esq., of Auchinleck), in this, that whereas he is supposed to have invented nothing, I have feigned whatever I pleased. I have forgotten, mistaken, mis-stated, altered transported a number of things” (*The Complete Works of William Hazlitt*, ed. P. P. Howe, 21 vols (London and Toronto: J. M. Dent, 1930-4), Volume eleven, 350).

de *Johnsoniana, or Bon-Mots of Dr. Johnson*. Fazia parte de sua estratégia interpelar o amigo nas situações menos esperadas. Indignado, porque seu autor era desconhecido de ambos, ele sugeriu a Johnson que levasse o caso ao júri ou que se pronunciasse publicamente contrário ao seu conteúdo. Afinal, tal obra haveria de contar com uma infinidade de julgamentos falsos que contribuiriam ainda mais para pespegar-lhe a imagem de sujeito parrudo, sem papas na língua. Então Johnson, com sua usual sabedoria prática e seus desconcertantes paradoxos, o surpreendeu dizendo: “De modo algum, meu caro. Há sempre um misto de verdade em toda falsidade e quem pode determinar o que é o verdadeiro e o que é o falso? (...) Uma estória é ou bem um retrato de um indivíduo ou bem da natureza humana em geral. Se for falsa, será um retrato do nada” (BOSWELL, 2008: 685).

Se verdadeiro ou falso, o retrato de corpo inteiro que Boswell nos legou leva de vencida as demais biografias. *A Vida de Samuel Johnson* seduz o leitor tanto pela palavra pronta de seu protagonista, seu riquíssimo anedotário, feito de incontáveis conversas fiadas, sempre em tom íntimo, quanto pelo modo privilegiado com que o biógrafo escutou o biografado, instalando-se em sua consciência. A partir de então o nome dos dois se tornaram inseparáveis. Talvez nunca tenha havido outra igual amizade e identificação de dois *eus* entre escritores. Johnson não foi o primeiro homem público ou de letras que Boswell “se obstinou a meter seu bedelho, sem cuidar que era inoportuno” (MIGUEL-PEREIRA, 1994: 136). Nos idos de 1760, de visita ao continente, correspondeu-se com o general italiano, Pasquale di Paoli, mais tarde líder da independência da Córsega, e com dois dos mais populares escritores de seu tempo: Voltaire e Rousseau. Chegou a travar amizade com este último, a qual se arrastou por longos quinze dias, pois, como disse Borges: “Rousseau era um homem de péssimo gênio” (BORGES, 2006: 141). Com seu misto de rebeldia e introspecção e sua mania de pôr-se sempre à sombra, Rousseau nunca soube viver, e ainda menos, conviver. O espirituoso Voltaire, que julgava tudo pelo gesto e tendia a se desumanizar quando ria, só se deu ao trabalho de responder às missivas do jovem libertino depois de muita insistência. Por fim, eles se encontraram em Berna e Voltaire possivelmente o tomou por mero “compêndio de boemia” (MIGUEL-PEREIRA, 1994: 135). A amizade com Paoli foi mais bem sucedida. Se dela não resultou a mesma reciprocidade que

encontramos entre Boswell e Johnson, foi por incentivo de Paoli que aquele publicou sua primeira importante obra, *An Account of Corsica* (1768). Mas nem Paoli nem Voltaire ou Rousseau dariam um bom modelo. Dificilmente deixariam de posar de general, filósofo, poeta, romancista, etc., isto é, dificilmente deixariam seus grandes feitos ou suas descobertas se confundirem com as de um outro. A intimidade e o convívio mais familiar entre Boswell e Johnson, disse Hazlitt, não se harmonizam muito bem com “a afetação de virtude e as reivindicações um tanto pomposas da autotria” (8, 29).

Desse modo, o Johnson que hoje conhecemos e apreciamos não carrega vestígio algum de uma profissão determinada, nem sequer de “leigo na condição de escritor” como disse Auerbach acerca de Montaigne (AUERBACH, 2007: 151). Alguém observou que Johnson só escrevia quando acoitava a necessidade de dinheiro. Com sua propensão natural ao ócio, ele gostava mesmo era de não fazer nada ou de se reunir com os amigos nos clubes e cafés para um bate-papo. Quando só, durante suas frequentes e noturnas perquirições melancólicas, tomava quantias exorbitantes de chá preto e ficava detido diante da lareira, nutrindo pensamentos sobre fantasmas. Padecia de uma “melancolia mórbida” e “horrível hipocondria” (BOSWELL, 2008: 47). Tinha pavor de viver consigo mesmo. Por contraste, Montaigne, nas “horas ociosas”, estava sempre atento aos seus devaneios, punha-se a registrá-los, digeriria-os no íntimo. Assim, disse este: “não fiz meu livro mais do que ele me fez, livro consubstancial ao seu autor” (MONTAGNE, 2002: 498). Quanto a Johnson, dizia Borges, foi-lhe preciso abandonar a carreira literária para “se mostrar uma das maiores almas inglesas” (BORGES, 1998: 148). “O homem superou o autor” (5, 94), na expressão de Hazlitt.

Se o Johnson biografado se destaca por algum ofício não foi por outro senão aquele impudente de opinar sobre todos os assuntos, de viver em voz alta. Para ressaltá-lo, Boswell apostou na força do contraste. *A Vida de Samuel Johnson* é “uma verdadeira obra dramática, com diversas personagens” (BORGES, 1998: 148) que se movimentam, pensam, falam e vivem diante do leitor. Faziam parte de sua seleta *coterie* alguns homens e mulheres públicos de evidente grandeza pelo talento artístico e literário. Lá estão o pintor Joshua Reynolds, presidente da Real Academia de Belas Artes, Oliver Goldsmith, poeta e dramaturgo irlandês, Elizabeth Montagu, influente crítica literária e

anfitriã de boa parte dos encontros do grupo (uma espécie de Gertrude Stein do século XVIII), o famoso ator shakespeariano David Garrick, o político e filósofo Edmund Burke, etc. Contudo, todos eles, inclusive seu autor, o jurista e notável biógrafo, não aparecem nessa obra como uma casta de homens públicos, de artistas e literatos. Não são nada além de bons companheiros, reservados à mesa, em relações de simpatia. Nada pode ser menos pedagógico, menos pedante, do que a prosa fiada que Boswell registra desses encontros.

Mas afinal, sobre o que falavam? Num ensaio de 1847, *Sobre a Conversação* [On Conversation], Thomas De Quincey se queixava da falta de inventividade nas conversas de um círculo tão privilegiado, da ausência daquele princípio heurístico, que escapa ao estudo dos livros porque próprio à conversação. Dizia ainda que alguns dos principais tópicos de filosofia e literatura eram simplesmente negligenciados ou tratados com desdém e sem profundidade, pois o terrível ditador das letras de seu tempo “tendia a ver todas as coisas somente pelo lado negativo, nunca pelo positivo ou criativo” (DE QUINCEY, 1973: 143)<sup>7</sup>. Que Johnson encarnou o espírito de contradição, nem ele nem Boswell relutariam em admitir. Mas talvez devêssemos nos perguntar por que mesmo com todo o excesso de termos cortantes e de seu aspecto grotesco e desastrado Johnson se apresenta ao leitor como um sujeito simpático, uma espécie de Falstaff dos escritores, como sugere Hazlitt<sup>8</sup>.

“A melhor conversa – disse Johnson, e o fiel Boswell anotou escrupulosamente – é aquela da qual nada em particular nos recordamos distintamente senão o efeito geral, de impressão agradável” (BOSWELL, 2006: 1102). Mas então, se nos filiaros na fidelidade dos rasgos firmes dos retratos de Boswell, a conversa de Johnson não é das melhores. Decerto Boswell não pretendeu que ela o fosse. Não há nela, por exemplo, aquele “fluxo contínuo de conversação” (BOSWELL, 2006: 1278) que se observa em

---

<sup>7</sup> Para uma discussão sobre o tema, ver o capítulo “Conversation in Decline: from raillery to reverie”, de Stephen Miller em *Conversation: a history of a declining art*. Yale University Press, New Haven, 2008.

<sup>8</sup> Em “On the Periodical Essayists”, diz Hazlitt sobre a personagem Johnson: “Seus hábitos domésticos, a ternura para com seus criados, a presteza com que se via obrigado a socorrer os amigos, a quantidade exorbitante de chá que ingeria para acalantar seus pensamentos melancólicos, as muitas atividades que relutantemente principiava e irresolutamente as colocava de lado, o reconhecimento honesto de seus erros e a indulgência para com os dos outros, quando, por exemplo, (...) se sentou com jovens damas em seu colo, em Mitre, para dar-lhes alguns bons conselhos, situação na qual, se desprovida de explicação, fá-lo-ia passar por Falstaff” (5, 94-95).

uma Elizabeth Montagu ou em um Edmund Burke. Sobre este último, disse Johnson, seja lá com quem ele topasse nas ruas (não importava a classe social, pois Burke sabia tanto subir como baixar) se com esse travasse uma conversa, ela seria agradável e distraída, como se ambos estivessem pensando em voz alta. Após se despedir de Burke, diria a si mesmo: “lá se vai um sujeito extraordinário” (BOSWELL, 2006: 1279). A conversa de Johnson, por contraste, era grosseira, sem elegância ou beleza. O efeito geral que ela deixava no ouvinte era comparável, disse Boswell, ao gosto de “*mostarda no palato de uma criança*” (BOSWELL, 2006: 1154).

A data de publicação de *A Vida de Samuel Johnson* (1791) e sua imensa popularidade, que se manteve firme desde seu aparecimento até pelo menos a primeira metade do século XX, também dão o que pensar. Como as *Reflexões sobre a Revolução em França* de Burke, essa extensa biografia é a um só tempo monumento e instrumento de demolição de uma era cujos primeiros sinais de ruína se tornaram manifestos naquela última década do século XVIII. Talvez tenha sido por esse motivo que Boswell escolhera para protagonizar suas “conversas” um autor da importância de Johnson, cujas maneiras destoavam do senso de ordem e delicadeza dos modelos classicizantes que ele próprio demonstrou pela sua argumentação e, sobretudo, pela sua escrita.

Das conversas fáceis e fluidas, impressas nos folhetins de *The Tatler* e *The Spectator*, à fala informe e sem regra de Johnson, tal qual registrada por Boswell, não há retrocesso, mas antes complementaridade. Foi isso o que notaram os ensaístas periódicos do romantismo inglês, a primeira geração de escritores que se empenharam na leitura receptiva e compreensiva de *A Vida de Samuel Johnson*. A personagem de Johnson, seu *sense of humour* e a maior liberdade quando discursava ofereciam um contraponto àquele estilo fortemente homogêneo e equilibrado em todas as suas partes que dominou a prosa ensaística de seu tempo. Em grau maior ou menor, encontramos esse estilo em escritores tão díspares quanto Johnson, Shaftesbury e Hume. Uma de suas marcas é o excesso de palavras de origem latina, palavras longas, difíceis aos ouvidos ingleses, que dão a impressão de sonoridade retumbante porque afastado das formas de dicção de sua gente. Sobre o estilo de Johnson, diz Hazlitt: “não há nele nenhuma discriminação, nenhuma preferência ou variedade. As únicas palavras de que lança mão são ‘altissonantes e opacas’” (6, 217-218). Palavras que se enchem de ar, redondas,

estufadas, brilhantes, pouco importa se a matéria de que trata é “extensa ou curta, áspera ou suave, redonda ou quadrada, diferente ou semelhante” (8, 3-4). Nada pode ser mais avesso ao estilo familiar. Este, lembra o crítico, retomando um *topos* caro aos ensaios montaignianos<sup>9</sup>, quer que as coisas predominem sobre as palavras, que estas sigam aquelas, e não o contrário. O falar seco, direto e cru de Johnson e sua “voz profunda e ressonante” (BOSWELL, 2006: 1387) como mostarda no palato de uma criança aguçaram os sentidos para aquelas formas de expressão populares, condenadas por ele próprio como incorretas, as quais seus ouvintes mais atentos, a exemplo de Boswell, aplicaram-se no seu aproveitamento artístico.

Para a nova geração de ensaístas de periódicos, como a dupla Hazlitt e Hunt, a fala e os modos rudes, porém simpáticos e cordiais, da personagem Johnson apontavam para a capacidade imperecível de renovação do estilo familiar e para um maior equilíbrio entre as virtudes cívicas e as que se formam e se exigem “junto à lareira”<sup>10</sup>. As formas de expressão e conduta morais excessivamente polidas de um Addison ou Hume, por exemplo, bem como a crença na superioridade de um único modelo “estético” sobre os demais, fez progredir a antipatia da classe letrada pelo “povo” e embruteceu seus ouvidos ao clamor áspero da voz humana que naquela virada de século, pela primeira vez, tornara-se *sublime* (um dos temas centrais em Hazlitt, cuja importância e dimensão escapam ao propósito desta fala).

Os autores de *The Round Table*, Hazlitt e Hunt, não só reconheceram seu débito para com os ensaios de Steele e Addison, como se empenharam na imitação de suas maneiras (*manners*), daquele modo instrutivo e agradável de falar sobre coisas vãs. Se *The Spectator* foi bem sucedido no seu projeto de reformar os costumes, educar a sociedade e trazer a filosofia para a praça pública, haveríamos de concluir, pergunta

---

<sup>9</sup> Ver, por exemplo, o ensaio “Da educação das crianças”, capítulo XXVI, *Livro I*.

<sup>10</sup> Sobre a confluência entre as virtudes cívica e as domésticas, ver o ensaio XXXIX (*Um dia Junto à Lareira* [A day by the fire]) de Hunt em *The Round Table*. Segundo o autor, a contribuição inglesa para a civilização será a de sociabilidade íntima e democrática que os ingleses cultivaram junto à lareira para se protegerem do mal tempo. Em comentário sobre esse ensaio, o importante estudioso do romantismo inglês, Gregory Dart, chama a atenção para as inúmeras referências que esse ensaio faz ao mundo clássico (por exemplo, a chaleira transformada em urna grega pela corrosão do tempo), e cujo propósito, diz Dart, “é transformar um dos ambientes da casa mais comum e ubíquo em pequeno elo com o passado grandioso, sob a sugestão ousada de que todo aquele que meramente se reúne junto ao fogo, quer ele saiba quer não, participa de uma rica história cultural”. *Metropolitan Art and Literature, 1810-1840: cockney adventures*. Cambridge University Press, 2012, p. 3.

Hunt aos seus leitores na Introdução a *The Round Table* (1817), que a sociedade progride numa marcha uniforme e triunfante? De modo algum. Pois, diz o autor: “todo progresso em geral (...) tende a se exceder” (HAZLITT & HUNT, 1991: 12-13). Ou, nas palavras de Hazlitt, retomando uma formulação de Rousseau: “o excesso de refinamento produz igual grosseria” (2, 135)<sup>11</sup>. Como moedas de uso corrente ou peças de vestuário, o estilo e as maneiras se esgarçam com o tempo. Uma de suas consequências – segundo o sarcasmo com o qual Hazlitt abre seu *Perfil de Coleridge* – é que “a época atual é uma época de faladores (*talkers*)” (7, 98). Para se reconciliar com o público leitor e contrabalancear a presunção e a insipidez do excesso de gosto da chamada gente de “boas maneiras”, fazia-se necessário ao ensaísta periódico daquele início de século confessar suas origens modestas, de costumes um tanto rudes, e a vanidade de escritor – sem a humildade de fachada e o “orgulho nobiliárquico” (STAROBINSKI, 2011: 45) de um Montaigne. E ao mesmo tempo, como advertia Hunt, com o cuidado de não despertar no público “repúdio à suavidade” (HAZLITT & HUNT, 1991: 14).

Em *Sobre o perfil do literato* [On the literary character], ensaio de número XLV de *The Round Table*, Hazlitt ironiza aquela fraternidade rarefeita entre escritores. O tom de censura se manifesta logo de início com a citação de um longo trecho da resenha de Francis Jeffrey, editor da *Edinburgh Review* e seu futuro empregador, sobre *Correspondence*, obra do famoso Barão Grimm, há pouco publicada em inglês. No trecho selecionado por Hazlitt, Jeffrey ressalta o engenho (*wit*) e a crueldade (*heartlessness*) como ingredientes essenciais da sociedade polida: “a mesma irritação pela uniformidade e paixão pela variedade que conferem tamanha graça às conversas [de pessoas da sociedade polida] porque excluem todo tédio e toda disputa teimosa, as tornam incapazes de se demorar por um único instante nos sentimentos e nas ocupações dos outros (...), e as tornam igualmente avessas à verdadeira simpatia e aos pensamentos profundos” (2, 132).

Nas palavras de Hazlitt:

---

<sup>11</sup> A passagem de Rousseau que o trecho evoca é do *Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*. Na continuação do argumento, diz Hazlitt: “Disso decorre o severo sarcasmo de Rousseau ‘*Tout homme reflechi est mechant*’”.

*Os literatos não se apegam à pessoa de seus amigos, mas a suas mentes e as examinam sob a mesma luz com as quais leem os livros de suas bibliotecas, e as leem até se cansar. Em encontros casuais, a amizade nasce do hábito. A gentileza mútua gera o afeto mútuo. Os inúmeros e pequenos acontecimentos locais fornecem, no curso de uma longa intimidade, aqueles tópicos agradáveis de recordação, os quais são, entre essas pessoas, quase as únicas fontes de conversa. Há um prazer imediato na companhia um do outro. Mas entre escritores, nada disso ocorre. As circunstâncias triviais e locais estão aquém da dignidade filosófica. Nada mais é tolerado senão a esperteza de um ou a sabedoria do outro (...). Quando nos cansamos de um livro, deixamo-lo de lado, mas não é fácil deixar nossos amigos na estante quando nos cansamos de sua companhia. A necessidade de manter as aparências, portanto, acrescenta ainda mais ao descontentamento de ambos. Com o tempo, a indiferença estimula o desprezo (2, 133-134).*

O ensaísta dos novos tempos deve saber reconhecer o lugar do outro na conversa sem aquela posição ligeiramente superior porém sedutora do *gentleman*. Ele já não se dirige apenas ao leitor dos círculos domésticos e privados (como fazia Montaigne) ou à classe média letrada, ainda em formação, (como faziam Steele e Addison), mas também acolhe as lavadeiras e as *hard-working* tecelãs, tais como aparecem nos ensaios de Hunt e Charles Lamb respectivamente<sup>12</sup>.

Por outro lado, diz Hazlitt, “não há nada mais pedante do que a afetação de ocultar pedantismo” (8, 31). Aquele que escreve quer enredar o leitor “nos labirintos infinitos de sua imaginação” (2, 133). Em comentário sobre esse ensaio, a estudiosa de Hazlitt, Uttara Natarajan, nos lembra do demasiado solipsismo do autor, apontando o quanto se expõe e critica a si próprio no *Sobre o perfil do literato* [On the Literary

---

<sup>12</sup> O ensaio de *The Round Table* de número XLIV, escrito por Hunt, recebe o título “*Sobre as lavadeiras*” [On Washerwomen]. Quanto a Lamb, a seguinte passagem de *Detached Thoughts on Books and Reading* ilustra bem suas posições em relação às classes baixas: “Como eles [livros comercializados pelas bibliotecas circulantes] nos falam dos milhares de polegares que com prazer correram por estas páginas! Como aqueles da solitária costureira (a modista de chapéus ou a tecelã *hard-working* de mântua) que, depois de um longo dia de trabalho entre agulhas madrugadas adentro, em seu curto intervalo de hora mal dormida, embebeu suas preocupações em cálice de Letes, decifrando os encantados conteúdos destes livros!” (LAMB, 2013: 148).

Character]<sup>13</sup>. O uso do pronome na primeira pessoa do plural (“*when we are tired of a book*”) reforça seus laços com a classe de escritores. Ou melhor, talvez devêssemos dizer, com uma classe específica de escritores, e no sentido fraco do termo. Hazlitt não assumiu a posição senhoril do “fazedor de livros”<sup>14</sup>, mas antes preferiu aquela cigana do ensaísta de jornal, “que toda noite arma sua tenda e pela manhã a desmancha, e vai”<sup>15</sup>. Quase todos os ensaios de *The Round Table* foram primeiro confiados à imprensa periódica (*The Examiner, Morning Chronicle, etc.*) antes de serem reunidos em livro. Entre a originalidade dos momentos poéticos, que “cria mundos fictícios em torno de nós” (2, 133), e o truísmo mais corriqueiro, o leitor de *The Round Table* é frequentemente arrastado para dentro da movimentação do pensamento de seus autores. Pela força do estilo e pela honestidade das observações, se exige do leitor uma participação ativa. Desse modo, lembra Hunt, *a mesa redonda* é uma expressão tomada de empréstimo tanto daquelas “associações românticas” que evocam os tempos do Rei Arthur e a tábua redonda, na qual se admitia por membro apenas quem “vencesse o chefe”, quanto de outras, mais ao rés-do-chão; numa palavra, a “mesa de jantar” (HAZLITT & HUNT, 1991: 8-9) de todo o dia.

Daí a aposta no estilo conversacional ou familiar de que o trecho acima dá testemunho. “Como escritor”, diz Hazlitt, “esforço-me por empregar palavras simples e frases próprias ao uso popular” (6, 218-219). Exemplo disso são as frequentes expressões idiomáticas: *they look upon; friendship grows out; nothing will go down;* etc. Acrescenta-se a elas a sintaxe descomplicada e direta, costurada por frases simples com um número mínimo de orações subordinadas. Entre uma afirmação e outra, o leitor pode sentir o efeito contínuo de espontaneidade que o autor intencionava. Como se pudéssemos “ouvi-lo falar e ver seus gestos”<sup>16</sup>. Conjunções e ligações sintáticas são frequentemente omitidas, o que faz com que o leitor suponha o que muitas vezes é

---

<sup>13</sup> Ver capítulo 5, “Essay Political and Familiar”, in: NATARAJAN, U. *Hazlitt and the Reach of Sense: criticism, morals, and the metaphysics of power*. Oxford University Press, 1998.

<sup>14</sup> A expressão é de Montaigne. Em comentário sobre ela, diz Hazlitt: “ele [Montaigne] foi o primeiro escritor que não foi um *fazedor de livros* e o primeiro a escrever não para converter os outros a credos e preconceitos estabelecidos, mas para satisfazer a si mesmo quanto à verdade das coisas” (5, 85), (grifo nosso).

<sup>15</sup> Numa crônica intitulada “O Manifesto”, Rubem Braga expõe o credo e os ofícios do cronista. À diferença dos escritores que “fazem livros que são verdadeiras casas e ficam”, o cronista (ou o ensaísta) de jornal é como o cigano (BRAGA, 2011: 263).

<sup>16</sup> A expressão de Auerbach, a propósito de Montaigne (AUERBACH, 2009: 254).

apenas sugerido. Noutras palavras, diz Hazlitt, “o entendimento do leitor divide a tarefa com o do escritor” (2, 12) – a contrapelo da tese de Coleridge, reposta por Jon Klancher, segundo a qual a falta de conectivos lógicos serve unicamente para “aliviar a mente do peso das recordações” (KLANCHER, 1987: 155). Assim, na frase: “Nada mais é tolerado senão a esperteza de um ou a sabedoria do outro” (bem ao gosto do autor por aforismos), a imagem cômica e evidentemente sádica do escritor que se ocupa do outro como dos livros de sua biblioteca, até se cansar, recebe um contorno mais leve. Mas, porque o ensaio familiar está sempre reinventando seu objeto, como numa conversa saudável em que, como dizia Hunt, passa-se de um tema ou de um argumento a outro como se passam caixas de rapé numa roda de amigos, “estimulando a atenção dos leitores” (HAZLITT & HUNT, 1991: 10), no final do parágrafo a imagem do livro/amigo mal acomodado sobre a estante dá uma nova inflexão ao argumento. O que se diz aqui é que aquela amizade compreensiva, sem sacrifício de temperamento entre um e outro, é insustentável entre escritores – ao menos enquanto se mantém aquele ar de superioridade que é um dos seus mais desagradáveis e mais frequentes defeitos. “Os escritores em geral são péssimos ouvintes”, diz Hazlitt: “Alguns dos melhores faladores (*talkers*) são, por esse motivo, as piores companhias” (8, 35).

Por contraste, a exemplo da relação entre o biógrafo e o biografado em *A Vida de Samuel Johnson*, ou a de Montaigne com seus leitores póstumos, os ensaios familiares (*familiar essays*) de Hazlitt (sobretudo os que escreveu em parceria com Hunt) apelam para o entendimento de seus leitores na intimidade e com cordialidade. Talvez nenhum outro adjetivo seja mais frequentemente usado em Boswell do que *cordial*. Seu sentido é aquele mesmo sentido etimológico que Sérgio Buarque de Holanda finamente reconstituiu – não por acaso a personagem de Johnson é citada nesse ensaio seminal da antropologia brasileira<sup>17</sup>. Entre as muitas idiossincrasias de Johnson, ele nutria um ódio especial pelos escoceses, com a exceção espantosa de seu biógrafo. Pois seus preconceitos, lembra Hazlitt, “não eram oportunistas, sem coração (*heartless*) e hipercríticos” (5, 95). “A inimizade”, dizia Buarque de Holanda, “bem pode ser tão

---

<sup>17</sup> Buarque de Holanda lembra um trecho de *A Vida de Samuel Johnson* no qual o doutor fazia elogio à educação pela vara, cujo efeito termina em si, “ao passo que se forem incentivadas as emulações e as comparações de superioridade, lançar-se-ão, com isso, as bases de um mal permanente, fazendo com que irmãos e irmãs se detestem uns aos outros”. *Raízes do Brasil*, “O homem cordial”, (HOLANDA, 1999: 145).

cordial como a amizade, nisto que uma e outra nascem do *coração*, procedem assim da esfera do íntimo, do familiar, do privado” (HOLANDA, 1999: 205). Com suas práticas de ensaístas periódicos “populares”, Hazlitt e Hunt incorporaram essa “ética de fundo emotivo” (expressão de Buarque de Holanda) para melhor ouvir os interesses e as necessidades de seus leitores. “Quanto a mim”, dizia Hunt, “o ensaísta de periódico é um escritor que reivindica especial intimidade com o público” (HUNT, 2003: 35). Contudo, à essa ética, eles acrescentaram um leve porém decisivo desvio. Contra a tirania e a dominação do homem pelo homem, que ressurgia com alarma naqueles anos pós-batalha de Waterloo e Congresso de Viena, o ideal humanista de liberdade íntima e compreensão generosa – impresso sob a forma do ensaio – era domesticado, servido à mesa, resguardado à luz do fogo honesto. A familiaridade se fazia instrumento político.

## **Bibliografia**

AUERBACH, E. 2007. *Ensaaios de Literatura Ocidental*. São Paulo. Editora 34.

\_\_\_\_\_. 2009. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo. Perspectiva.

BORGES, J. L. 2006. *Curso de Literatura Inglesa*. São Paulo. Martins Fontes.

BOSWELL, J. 2008. *Life of Johnson*. Oxford. Oxford World's Classics.

BRAGA, R. 2011. *Crônicas escolhidas*. Rio de Janeiro. BestBolsos.

CARPEAUX, O. M. 1962. *História da Literatura Ocidental*. V. IV O Romantismo. Rio de Janeiro. Edições o Cruzeiro.

COLERIDGE, S. T. 2001. *The Collected Works of Samuel Coleridge, Lay Sermons*. New Jersey. Princeton University Press.

DART, G. 2012. *Metropolitan Art and Literature, 1810-1840: cockney adventures*. Cambridge. Cambridge University Press.

FREYRE, G. 1978. *Alhos & Bugalhos*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira.

HABERMAS, J. 1991. *The Structural Transformation of the Public Sphere: An Inquiry into a Category of Bourgeois Society*. Cambridge: The MIT Press.

HAZLITT, W. 1930-4. *The Complete Works of William Hazlitt, in 21 Volumes, Volume eleven*. London and Toronto: J. M. Dent.

\_\_\_\_\_. 1998. *The Selected Writings of William Hazlitt, Volume 1 An Essay on the Principles of Human Action; Character of Shakespeare's Play*. London Pickering & Chatto.

\_\_\_\_\_. 1998. *The Selected Writings of William Hazlitt, Volume 2 The Round Table, Lectures on the English Poets*. London. Pickering & Chatto.

\_\_\_\_\_. 1998. *The Selected Writings of William Hazlitt, Volume 4 Political Essays*. London. Pickering & Chatto.

\_\_\_\_\_. 1998. *The Selected Writings of William Hazlitt, Volume 5 Lectures on the English Comic Writers, Lectures on the Dramatic Literature of the Age of Elizabeth, A Letter to William Gifford, Esq.* London. Pickering & Chatto.

\_\_\_\_\_. 1998. *The Selected Writings of William Hazlitt, Volume 6 Table Talk*. London. Pickering & Chatto.

\_\_\_\_\_. 1998. *The Selected Writings of William Hazlitt, Volume 7 Liber Amoris, The Spirit of the Age*. London. Pickering & Chatto.

\_\_\_\_\_. 1998. *The Selected Writings of William Hazlitt, Volume 8 The Plain Speaker*. London. Pickering & Chatto.

\_\_\_\_\_. 1998. *The Selected Writings of William Hazlitt, Volume 9 Uncollected Essays*. London Pickering & Chatto.

HOLANDA, S. B. 1999. *Raízes do Brasil*. São Paulo. Companhia das Letras.

HUNT, L. & HAZLITT, W. 1991. *The Round Table, 1817*. Oxford and New York. Woodstock Books.

HUNT, L. 2003. *The Selected Writings of Leigh Hunt, Volume 1, Periodical Essays, 1805-1814*. London Pickering & Chatto.

KLANCHER, J. 1987. *The Making of the English Reading Audiences, 1790-1832*. Madison. The University of Wisconsin Press.

LAMB, C. 2013. *Selected Prose*. London. Penguin Books.

MATTOS, F. 2004. *A Cadeia Secreta: Diderot e o romance filosófico*. São Paulo. Cosacnaify.

MIGUEL-PEREIRA, L. 1964. *Ensaístas Ingleses*. Rio de Janeiro. Clássicos Jackson.

\_\_\_\_\_. 1994. *Escritos da Maturidade*. Rio de Janeiro. Graphia.

MONTAIGNE, M. 2002. *Os Ensaaios Livro II*. São Paulo. Martins Fontes.

NATARAJAN, U. 1998. *Hazlitt and the Reach of Sense: criticism, morals, and the metaphysics of power*. Oxford. Clarendon Press.

QUINCEY, T. DE. 1973. *De Quincey as Critic*. London and Boston. Routledge & Keagan Paul.

ROUSSEAU, J. 2008. *Confissões*. São Paulo. Edipro.

STAROBINSKI, J. 2012. “É Possível Definir o Ensaio?” In. *Serrote 10*. São Paulo. Instituto Moreira Sales.

STERNE, L. 2008. *A Vida e as Opiniões do Cavaleiro Tristram Shandy*. São Paulo. Companhia das Letras.

WU, D. 2008. *William Hazlitt: the first modern man*. Oxford. Oxford University Press.